

PARTÍCULAS MODAIS E PARTÍCULAS MODALIZADORAS NO PORTUGUÊS EUROPEU NUMA PERSPETIVA SINCRÓNICA E DIACRÓNICA

BENJAMIN MEISNITZER*
LUKAS MÜLLER**

Resumo: *O presente artigo pretende discutir a existência de partículas modais no português, tomando por base a variedade europeia. A questão aparentemente simples não é de todo trivial, uma vez que contrariamente ao alemão, o português não possui um paradigma de partículas modais, e os potenciais candidatos parecem encontrar-se em distintos estádios de gramaticalização. Pretendemos, por conseguinte, argumentar que, no português, temos partículas modais e partículas modalizadoras consoante estas se encontrem mais ou menos gramaticalizadas. Para legitimar a existência desta categoria de partículas vamos aplicar critérios definidos, sobretudo pela investigação na área da Germanística a lexemas que apresentam potencial pragmático-funcional para serem consideradas partículas modais. O presente estudo pretende descrever estas numa perspetiva sincrónica a partir de dados de material linguístico autêntico, através do recurso a corpora e traçar a sua gramaticalização numa perspetiva diacrónica.*

Palavras-chave: *Modalidade; Partículas modais; Pragmática; Teoria da mente.*

Abstract: *This paper discusses the existence of modal particles in Portuguese, taking the European variety as a basis. The apparently simple question is not at all trivial, since, contrary to German, Portuguese does not have a modal particle paradigm and the potential candidates seem to be in different stages of grammaticalization. We intend, therefore, to argue that in Portuguese, we have modal particles and modalizing particles, according to whether they are more or less grammaticalized. In order to legitimize the existence of this category of particles, we will apply criteria defined mainly by German Linguistics research to lexemes that have pragmatic-functional potential to be considered modal particles. The present study aims at describing these in a synchronic perspective based on data from authentic linguistic material using corpora and tracing their grammaticalization in a diachronic perspective.*

Keywords: *Modality; Modal particles; Pragmatics; Theory of mind.*

INTRODUÇÃO

«Olhares cruzados» é um lema que se aplica perfeitamente para sintetizar o estudo das partículas modais numa perspectiva diacrónica e sincrónica. Pois se, por um lado, um impulso para estudar a existência de respetiva categoria funcional partiu de Franco¹, que escrevia que, apesar de a literatura referir que existem línguas que

* Universität Leipzig. Email: benjamin.meisnitzer@uni-leipzig.de. ORCID: 0000-0003-4072-8365.

** Universität zu Köln. Email: lukas.mueller@uni-koeln.de. ORCID: 0000-0003-1648-7100.

¹ FRANCO, 1988.

não possuem partículas modais (PM), o português é uma língua que «não pertence nem ao grupo das línguas ricas em PM, nem ao grupo das que as não têm, se bem que esta (sub-)categoria de palavras tenha sido — como tal — até agora praticamente desconhecida dos gramáticos (e dos lexicógrafos) portugueses»². A atitude crítica de Franco em relação a uma gramaticografia que ignora a existência de uma categoria funcional deve-se ao facto de António Franco ser um germanista português, que, por isso, tinha um profundo conhecimento de ambas as línguas. Os seus «olhares cruzados», ou melhor, a sua perspetiva contrastiva motivou os seus trabalhos, que revelaram a existência de lexemas que, do ponto de vista funcional e no que diz respeito às suas características sintáticas, correspondem inequivocamente às partículas modais no alemão. Destaca, ainda, que, «a língua portuguesa faz uso de tais partículas, a cada uma das quais é, aliás, possível, por sua vez, fazer corresponder um espectro por vezes largo de equivalências funcionais em alemão»³. Esta ideia é fulcral para o estudo das partículas modais no português, uma vez que mostra o quão problemático é tentarmos explicar as partículas modais numa língua exclusivamente a partir de traduções, estudando os correspondentes para as partículas alemãs na língua de chegada⁴. Não pretendemos de modo algum restringir a relevância deste tipo de estudos, que complementam estudos como o nosso, que se dedicam ao levantamento de lexemas que são utilizados como partículas modais em contexto espontâneo e nativo de falantes L1. Apesar dos estudos de Franco⁵, gramáticos e lexicógrafos continuaram, na sua grande maioria, a ignorar a existência de um grupo de lexemas utilizados no português como partículas modais. Face ao desconhecimento que continua a existir em relação às partículas modais no português, importa, num contexto em que se regista um crescente interesse contrastivo e tipológico relativamente à existência de partículas modais nas línguas do mundo, retomar o assunto. No presente artigo, pretendemos, partindo dos estudos levados a cabo, sobretudo, na Germanística para definir critérios que permitam identificar e descrever partículas modais, com «olhares cruzados», verificar os «candidatos» propostos para o português e discutir o seu estatuto enquanto partículas modais, conforme proposto por Meisnitzer⁶ para as línguas românicas.

Nas secções seguintes, iremos revisar os critérios discutidos na literatura para classificar e analisar as PM, sobretudo as PM no alemão, para, de seguida, aplicá-los ao português. O objetivo será comprovar se, ou seja, em que medida, esta análise sistemática

² FRANCO, 1988: 137.

³ FRANCO, 1988: 138.

⁴ Um exemplo para este tipo de estudo encontramos em BEERBOM (1992), cujo objetivo é, contudo, precisamente analisar em que medida as partículas modais constituem um problema para tradutores nas traduções alemão-espanhol, realçando lexemas que são utilizados como partículas modais na língua de chegada.

⁵ FRANCO, 1988, 1990, 1991.

⁶ MEISNITZER, 2012.

permite considerar os candidatos *lá, cá, afinal e sempre* PM⁷. Começaremos com o nível semântico-pragmático e continuaremos com os critérios formais, mais precisamente morfossintáticos e fonológicos, antes de analisar a sua trajetória diacrónica.

AS PM EM SINCRONIA

Os critérios semântico-pragmáticos

Mesmo que nem todas as línguas possuam um requisito formal equivalente às PM no alemão, é consenso que as funções pragmáticas das PM não devem ser consideradas como exclusivas do alemão, mas como significado pragmático universal. Por outras palavras, enquanto muitas línguas não possuem uma classe de palavras especialmente destinada às funções pragmáticas das PM, todas conhecem estratégias linguísticas alternativas para desempenhar estas (os chamados *equivalentes funcionais*)⁸, como também o português⁹. Antes de mais nada, convém então comprovar que também os falantes da língua portuguesa contam com as funções pragmáticas das PM. Dado que a sua identificação nem sempre é fácil, sobretudo, por causa da ambiguidade com palavras homónimas, que servem de lexemas-fonte, mas que apresentam funções específicas, um método proeminente tem sido abordá-las desde uma perspetiva comparativa com o alemão. De facto, esta tradição já se pode atestar tanto no trabalho pioneiro e influente de Franco¹⁰, como mencionado acima na introdução, como em Blieberger¹¹, que analisa uma tradução portuguesa do romance *Die Vermessung der Welt*, escrito por Daniel Kehlmann. Eis dois exemplos dos estudos de Franco (1) e Blieberger (2):

- (1) *Es ist ja auch eine Familie mit vier Kindern.
Sempre é uma família com quatro filhos*¹².
- (2) *Aber dafür sei ja noch Zeit, er sei schließlich erst neunzehn.
Mas para isso ainda havia tempo, afinal só tinha dezanove anos*¹³.

É de notar que as versões portuguesas recorrem a *sempre* e *afinal*, podendo-se verificar que o valor pragmático das PM pode-se expressar tanto no alemão quanto

⁷ *bem* é utilizado como partícula modalizadora, embora com enorme restrição contextual, conforme demonstrado por MEISNITZER (2020), pelo que não será incluído no presente estudo.

⁸ WALTEREIT, 2006: IX.

⁹ FRANCO, 1988.

¹⁰ FRANCO, 1988.

¹¹ BLIEBERGER, 2011.

¹² FRANCO, 1988: 154.

¹³ BLIEBERGER, 2011: 113.

no português¹⁴. No que diz respeito à sua função, servem, tal como as PM no alemão, como partículas (meta-) pragmáticas entre os interlocutores para iniciar um *Fremdbewusstseinsabgleich*¹⁵, ou seja, para relacionar a proposição com o *common ground*¹⁶. Com efeito, a omissão das PM resultaria numa perda deste valor pragmático expresso por *aber, ja, schließlich*, etc. Portanto, é crucial destacar que estas, sendo meramente elementos pragmáticos, não contribuem para o valor de verdade numa enunciação. Com efeito, como se destaca de forma exemplar nos exemplos (3-5) abaixo, não podem constituir uma resposta (em contraste com o advérbio «provavelmente»), nem podem ser inquiridas através de perguntas isoladas. Além disso, não podem ser negadas (6-7). Assim sendo, são interpretadas como elementos isolados que contribuem *non-at issue* (NAI) *meaning*, complementando o plano proposicional¹⁷.

(3) *(Eles vêm visitar-nos?) — Provavelmente/*Afinal!*¹⁸.

(4) *Tu lá sabes. — *Onde?*

(5) *Sempre é uma questão de dinheiro? — *Como é uma questão de dinheiro?*

(6) *Sempre não choveu. / Nem sempre choveu!*¹⁹.

(7) *Sempre é uma questão de dinheiro. — Não!*

No nível pragmático, as PM exercem um efeito atenuador que tem um impacto na ilocução do enunciado²⁰. Consideremos, de novo o exemplo (1), para o qual se proporciona o contexto a seguir: «A família X desde manhã cedo que está continuamente a carregar malas e sacos de casa para o carro, para finalmente partir de viagem. Quando uma das vizinhas diz: “Sempre é uma família com quatro filhos”²¹.» Elidindo *sempre* não mudaria nada no plano proposicional e resultaria num simples ato assertivo, numa declaração. Isto é, a função de *sempre* afeta a ilocução da enunciação, criando um efeito sobretudo enfático, nalguns casos atenuador, dependendo do contexto e da interpretação. A partícula *sempre* neste exemplo possibilita que o locutor possa avaliar o dito («é obvio e compreensível que precisam de muito tempo para prepararem as malas»), exprimir emoções e sentimentos («coitados»), mas também para aliar o conteúdo ao discurso/*common ground* («todos os participantes da conversação sabem que a família demora muito tempo a preparar as malas, e o enunciador pretende aludir a este conhecimento interpessoal»). Adicionalmente,

¹⁴ As estratégias identificadas por Blieberger abrangem lexemas como *afinal, mas, então* e construções do tipo *não é assim tão, haver de ou é que*.

¹⁵ LEISS, 2009. Leiss entende por *Fremdbewusstseinsabgleich* um alinhamento do saber comum em relação ao destinatário.

¹⁶ REPP, 2013; DÖRING, REPP, 2020.

¹⁷ DÖRRE *et al.*, 2015.

¹⁸ FRANCO, 1988: 149.

¹⁹ FRANCO, 1988: 148.

²⁰ WEGENER, 1998; CONIGLIO, 2011.

²¹ FRANCO, 1988: 153.

o uso de *sempre* pode aumentar (mas, dependendo do contexto, também diminuir) o grau de cortesia, como ilustrado no exemplo (8), onde a inserção da PM francesa *bien* transforma uma pergunta numa asserção. Ao mesmo tempo, tem o potencial de alterar o grau de cortesia, dado que pode fazer uma oração soar muito educada ou menos educada, em função do contexto e da prosódia.

- (8) *Vous avez bien reçu mon message?*²²
 «Sempre recebeu a minha mensagem, certo?»

Em suma, todas as funções desempenhadas por *sempre* em (1) pertencem ao domínio da modalidade, o que salienta a motivação de designá-lo de partícula modal.

Os candidatos para verificarmos se podem ser classificados como PM na presente contribuição são inspirados por Franco²³, Meisnitzer²⁴ e Marques e Duarte²⁵, *lá, cá, afinal* e *sempre*. No alemão, as PM mostram uma relação homónima com um lexema fonte²⁶, do qual foram diacronicamente derivadas²⁷. Passando ao português, os homónimos dos nossos candidatos *lá* e *cá* são expressões deíticas, enquanto *afinal* e *sempre* derivam de advérbios²⁸.

Retomando o conhecimento interpessoal já mencionado acima, *sempre* ativa a expectativa de *p*, permitindo uma confirmação (9-11) de *p*, em função do *common ground*²⁹. Contudo, *sempre* parece ocorrer também em circunstâncias nas quais a proposição «acaba por se realizar contra todas as expectativas [,] contrariamente ao que se pensava ou esperava»³⁰. Por outras palavras, pode licenciar também uma interpretação contrastiva (expectativa de $\sim p$), como nos exemplos (12-13). Igualmente, *afinal* ativa uma expectativa de $\sim p$, contudo, uma expectativa mais forte de $\sim p$ ³¹, como em (11), em que o enunciador não esperava que a Patrícia ganhasse um prémio. Do ponto de vista pragmático-funcional, ambas as PM são bastante parecidas.

- (9) *Sempre me saíste um aldrabão!*³²
 (10) *Vou marcar a viagem e tirar o bilhete! — O teu pai sempre te deixa ir?*³³

²² WALTEREIT, DETGES, 2007: 63.

²³ FRANCO, 1988.

²⁴ MEISNITZER, 2012.

²⁵ MARQUES, DUARTE, 2017.

²⁶ ABRAHAM, 2011.

²⁷ WEGENER, 1998.

²⁸ cf. MEISNITZER, 2012.

²⁹ Cf. LOPES, 2006; FIÉIS, 2010; AMARAL, DEL PRETE, 2014

³⁰ *Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, verbete «sempre», disponível em <<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=sempre>>.

³¹ LOPES, 2006; AMARAL, DEL PRETE, 2016.

³² LOPES, 2006: 15.

³³ FRANCO, 1990: 190 (ligeiramente modificado).

- (11) *A Patrícia afinal ganhou o prémio*³⁴.
 (12) *Não queria, mas sempre veio*³⁵.
 (13) *Vivo só da tradução, e sempre não passo fome*³⁶.

Uma vez que já introduzimos exemplos acima, mostrando a função modal de *sempre* e *afinal*, os exemplos seguintes sugerem que as expressões deícticas *lá* e *cá* também são produtivas em contextos, nos quais cumprem os critérios semânticos e pragmáticos das PM.

- (14) *Eu cá acho que não existem verdades absolutas. O que para ti pode ser inquestionável, e mesmo dogmático, para mim não é*³⁷.
 (15) A — *Tem mais um bocadinho para falar consigo.*
 B — *Então diga lá*³⁸.

No exemplo (14), o enunciador assume que para o destinatário existem verdades absolutas, posição que o emissor não partilha. Todavia, através do uso da partícula modal *cá*, o emissor dá ao destinatário a possibilidade de negociar a divergência de posições, que este assume existir. Em (15), o emissor informa o destinatário que supõe que este queira dizer algo ou tenha algo a objetar, indicando-lhe de que está disponível para que este se manifeste. A partícula *lá*, neste contexto, visa dar a possibilidade ao destinatário de se pronunciar ou não, subentendendo a intenção do emissor de saber aquilo que pensa o destinatário. A omissão em ambos os casos não mudaria a proposição, mas alteraria a ilocução. A sua função em ambos os casos é a de atenuar o conteúdo da proposição. A partícula *lá* mantém o traço semântico (+distante) do lexema fonte, um advérbio de lugar, que, através do processo cognitivo da reinterpretação baseada na semelhança semântica, é reinterpretado como distância emocional, cognitiva e subjetiva, podendo expressar dúvida, incerteza e imprecisão, o que, no exemplo, afeta a posição do emissor ou a posição que o emissor supõe que o destinatário adote em relação ao conteúdo da proposição³⁹. A «distância» atenua o conteúdo da proposição. O lexema *cá*, em (14), pelo contrário, devido à semântica deíctica expressando proximidade, reforça o conteúdo da proposição admitindo, no entanto, que o destinatário tenha uma posição divergente em relação ao conteúdo da proposição⁴⁰. O processo de mudança linguístico subjacente em ambos os casos é o da metáfora.

³⁴ LOPES, 2006: 17.

³⁵ *Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, verbete «sempre», disponível em <<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=sempre>>.

³⁶ LOPES, 2006: 18.

³⁷ Disponível em <https://sigarra.up.pt/feup/pt/foros\geral.mensagem?pi_id_msg=3985>.

³⁸ MARQUES, DUARTE, 2017: 31.

³⁹ MARQUES, DUARTE, 2017.

⁴⁰ MARQUES, DUARTE, 2014.

Os critérios morfossintáticos e fonológicos

Os critérios formais que definem as partículas modais no alemão e que pretendemos aplicar ao português são: 1. posição sintática fixa; 2. não podem ser fletidas, isto é, são morfologicamente invariáveis⁴¹; 3. geralmente, não podem ser acentuadas⁴², embora existam as exceções no alemão *ja* e *doch*⁴³; 4. não podem ser coordenadas (17), embora possam ocorrer combinadas — no português, *afinal* e *sempre*, conforme podemos observar no exemplo (16)⁴⁴; 5. não podem ser modificadas (por exemplo, intensificadas)⁴⁵; e 6. têm escopo sobre o ato de fala ou a oração completa⁴⁶.

(16) *o Sr. Juiz decidiu expressar publicamente que, afinal, sempre teve partido*⁴⁷.

(17) **o Sr. Juiz decidiu expressar publicamente que, afinal e sempre teve partido*.

Quanto à posição sintática, é um dos critérios que revela graus distintos no que concerne ao grau de gramaticalização das potenciais partículas modais. Deste modo, distinguimos entre o lexema fonte e a partícula modal através da posição sintática — (18) vs. (19). Enquanto partículas modais *sempre* e *afinal* ocorrem sempre em posição pré-verbal, podendo ambas ocorrer em orações declarativas, exclamativas e em perguntas de *sim* ou *não* (20)⁴⁸. A partícula *afinal* também ocorre em perguntas abertas ao contrário de *sempre*. Ambas não podem ser utilizadas com função modalizadora em orações diretas⁴⁹.

(18) *Ele vem sempre a Lisboa*⁵⁰. (advérbio)

(19) *Ele sempre vem a Lisboa*⁵¹. (partícula modal) (ao contrário do que o locutor estava à espera)

(20) *O teu pai sempre te deixa ir?*⁵²

⁴¹ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴² ABRAHAM, 2011: 128.

⁴³ GUTZMANN, 2010; EGG, ZIMMERMANN, 2012.

⁴⁴ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴⁵ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴⁶ Para uma lista completa dos traços que definem partículas modais e referências bibliográficas adicionais, ver: MEISNITZER, GERARDS, 2017: 333-334.

⁴⁷ CdP, 2006.

⁴⁸ KUNOW, 2001: 15. Note-se que Kunow resume, discute e reavalia os resultados de FRANCO, 1991: 171.

⁴⁹ KUNOW, 2001: 15.

⁵⁰ FRANCO, 1989: 248.

⁵¹ FRANCO, 1989: 248.

⁵² FRANCO, 1990: 190.

Quanto à impossibilidade de negar uma partícula modal, os exemplos (18) e (19) facilmente nos permitem entender que, enquanto a partícula de negação «não» pode ser introduzida antes do verbo seguido de advérbio (18), é impossível negar (19) inserindo a mesma partícula antes da PM. Além disso (19) e (20) permitem-nos verificar que não podemos modificar partículas modais, por exemplo, inserindo advérbios de quantidade como *muito* antes de *sempre* para intensificar. As partículas *lá* e *cá*, pelo contrário, são acentuadas (graficamente), embora na função de partícula estes lexemas sejam menos *stressed* do que os correspondentes deíticos adverbiais. Não obstante, tal como as partículas *sempre* e *afinal*, não podem ser coordenadas (nem combinadas) e não podem ser modificadas. Quanto à sua posição sintática, ainda podem ocorrer em posição pós-verbal em orações diretivas e exclamativas (21) e em posição pré-verbal (22) em orações declarativas⁵³.

- (21) A — *Não, ainda tem mais um bocadinho para falar consigo.*
 B — *Então diga lá*⁵⁴.
 (22) *Ele lá foi para casa*⁵⁵.

A mobilidade sintática de *cá* e *lá*, a forte restrição relativamente a contextos em que podem ocorrer, o facto de serem acentuadas e de não necessariamente estabelecerem uma relação entre o conteúdo da proposição e o *common ground* (especialmente *cá*), mostram que se trata de partículas ainda menos gramaticalizadas no processo de mudança linguística que leva à perda da semântica lexical dos lexemas fonte e resulta num aumento da sua força ilocutiva, pelo que muitos linguistas falam de um processo de pragmatização no caso das partículas modais e dos marcadores discursivos. Os elementos linguísticos que sofrem o respetivo processo passam a operar a nível pragmático, além das fronteiras da proposição, no nível ilocucional, no caso das partículas modais, e na estrutura discursiva, no caso de marcadores discursivos. O processo constitutivo dos respetivos elementos é comparável ao de outros lexemas que assumem funções gramaticais, pelo que podemos falar de um processo de gramaticalização⁵⁶.

AS PM EM DIACRONIA

Com base no *Corpus do Português*⁵⁷, apresentamos uma exploração das primeiras ocorrências de *lá*, *cá*, *afinal* e *sempre* com função modalizadora na seguinte secção.

⁵³ KUNOW, 2001: 15.

⁵⁴ MARQUES, DUARTE, 2017: 31.

⁵⁵ MEISNITZER, 2012: 344.

⁵⁶ A propósito da controvérsia em torno da mais-valia de distinguir entre gramaticalização e pragmatização, veja-se DETGES, WALTEREIT, 2016.

⁵⁷ CDP, 2006.

Sempre

Como se pode verificar no exemplo seguinte, já no século XVII, surgem os primeiros usos de *sempre* aos quais podemos atribuir uma função modalizadora.

- (23) *Diz que a verdade [...] é como água do Chafariz de El-Rei, que por correr por canos de enxofre, sempre faz mal ao fígado*⁵⁸.

O trecho revela uma ambiguidade entre a leitura adverbial (*sempre* como advérbio quantificador) e modalizadora. Segundo a leitura adverbial, «a verdade é como x que resulta sempre em y», ao passo que segundo, a leitura modal, se percebe que «a verdade é como x que, como se sabe, resulta em y». É justamente a paráfrase «como se sabe» que esboça o potencial epistémico de *sempre* já no século XVII. Tendo em conta que *sempre* ainda hoje cria contextos ambíguos, convém, desde já, destacar que parece que estes já se mantêm há quatrocentos anos. De ponto de vista semântico, a oração constitui um discurso indireto livre, que ainda atualmente licencia o uso de PM.

Conforme observado no exemplo (23), também no exemplo a seguir *sempre* parece oscilar entre uma interpretação adverbial («grandes tentações pelo desejo que sempre tive») e modal («grandes tentações pelo desejo que, como se sabe, (sempre) tive»), outra vez numa oração subordinada.

- (24) *O oferecimento de Inglaterra me fez grandes tentações, não só pelo afecto daquela majestade, de que eu tinha razões antigas de duvidar, mas pelo grande desejo que sempre tive de ver uma filha dos nossos reis*⁵⁹.

Afinal

No que diz respeito a *afinal*, que tem como lexema fonte o respetivo advérbio, as primeiras ocorrências atestadas no corpus, datam do século XIX. Entre estas, também podemos identificar exemplos esboçando um uso modal, sugerindo que não demorou muito tempo até que a ambiguidade entre a função adverbial e modal surgisse.

- (25) *Pobres crianças! Porque afinal eram crianças todos três*⁶⁰.

- (26) *Não receie. Esta gente afinal é cobarde*⁶¹.

⁵⁸ CDP, 2006.

⁵⁹ CDP, 2006.

⁶⁰ CDP, 2006.

⁶¹ CDP, 2006.

Nos exemplos, *afinal* estabelece nitidamente uma relação com o *common ground* e, além disso, tem um efeito atenuador e ilocutivo que faz com que a atitude do enunciador corresponda à asserção.

Lá

Já no século XVII surgem os primeiros exemplos onde *lá* aparentemente expressa a sua função modal. Nas primeiras ocorrências, quer uma leitura como distância deíctico-espacial quer uma leitura como distância cognitiva-emocional, é plausível que já se trate dos chamados *bridging contexts*, nos quais por reinterpretção (metáfora) ou reanálise (metonímia) se deu ou foi motivado o processo de mudança linguística que esteve na origem das respetivas partículas modais.

- (27) *Abri de todo as portas que tudo é necessário para nós entrarmos; porque este negócio que El-Rei vai começar, não se pode lá fazer sem nós*⁶².

O exemplo (27) documenta o vínculo entre o valor deíctico-espacial e modal-atenuador de *lá*, discutido em pormenor em Marques e Duarte⁶³. Na leitura deíctica, é criado um afastamento espacial em relação ao lugar onde «vai começar o negócio», ao passo que a leitura modal alude a um afastamento emotivo-cognitivo, ou seja, subjetivo, que se adapta a que o falante se queixe da situação (=estado emotivo-cognitivo). O exemplo (28) também ilustra essa mesma ambiguidade semântica, priorizando, no entanto, aparentemente a leitura modal.

- (28) *Sim, sim, tia Brites; você lá sabe desses tolhiços, e eu também sei como as raparigas se tolhem nas cangostas*⁶⁴.

Observe-se que o contexto atribui um caráter expressivo, de modo que o falante expressa a sua atitude perante certos acontecimentos nas cangostas. Ao mesmo tempo, *lá* faz com que se harmonizem a consciência do falante e do ouvinte (*Fremdbewusstseinsabgleich*, no sentido de Leiss⁶⁵ e referência ao *common ground*) com respeito aos tolhiços.

⁶² CDP, 2006.

⁶³ MARQUES, DUARTE, 2017.

⁶⁴ CDP, 2006.

⁶⁵ LEISS, 2009.

Cá

Vimos na secção anterior como *lá* cria uma ambiguidade entre um afastamento espacial e subjetivo. De modo análogo, podemos observar, nos dados empíricos, como *cá* oscila entre proximidade espacial, por um lado, e emotiva, cognitiva, subjetiva, por outro lado, como se pode verificar no exemplo (29).

- (29) *Por isso tu cá vens: porque és mentiroso*⁶⁶.
 (30) *Enfim, eu cá sei o que ela é, e basta*⁶⁷.
 (31) *Estou farto daquele estafermo! Então que quer? Eu cá sou assim*⁶⁸.

Nos exemplos supracitados podemos observar como dos contextos de ponte (29), na sequência de um sucessivo processo de *semantic bleaching*, o advérbio de lugar *cá* vai sucessivamente perdendo a sua semântica [+ proximidade espacial], tornando-se numa partícula modal (em determinados contextos sintáticos). Deste modo, em (31) uma leitura deíctico-espacial seria inaceitável, ou seja, agramatical.

Quadro geral

Resumindo o quadro diacrónico resultante do nosso estudo empírico diacrónico, podemos observar que os processos de mudança linguística que resultam no desenvolvimento de uma semântica modal dos lexemas, em análise, se inicia no século XVII, ficando o seu estatuto consolidado no século XX⁶⁹ — se é que podemos afirmar que este se encontra consolidado.

Tabela 1. Emergência das PM *sempre, lá, cá, afinal*, segundo o nosso levantamento do CDP (? = nenhuma ocorrência com suposta função modal; X = nenhuma ocorrência do lexema)

	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Século XXI
<i>Sempre</i>	?	→				
<i>Lá</i>	?	→				
<i>Cá</i>	?	→				
<i>Afinal</i>	X	X	X	→		

Fonte: CDP, 2006

⁶⁶ CDP, 2006.

⁶⁷ CDP, 2006.

⁶⁸ CDP, 2006.

⁶⁹ Na consolidação da sua função como partículas modais, a cronologia relativa das partículas modais portuguesas é semelhante à das francesas, embora estas últimas nos *corpora* até agora estudados apenas possam ser documentadas mais tarde com função de partícula modal, conforme demonstra o estudo sobre a gramaticalização de partículas modais no francês numa perspetiva diacrónica (Meisnitzer, Wocker, 2018: 51-73).

Importa relativizar o facto de *afinal* apenas surgir, na nossa pesquisa, como partícula modal no século XIX. O *Corpus do Português* apresenta a vantagem de disponibilizar um volume substancial de dados, ao mesmo tempo, sobretudo o material de língua falada é restrito e, conforme é sabido, as partículas modais ocorrem exclusivamente na linguagem falada e na escrita que reproduz esta, sendo substituídas por outras estratégias comunicativas nos registos escritos. Um alargamento da pesquisa, englobando outros *corpora* poderia eventualmente alterar a cronologia aqui proposta. Deste modo, embora *afinal* se encontre atestado apenas substancialmente mais tarde no *Corpus do Português* do que as outras três partículas modais, esta constatação não legitima por si só assumir que *afinal* iniciou o processo de gramaticalização substancialmente mais tarde. É, pelo contrário, interessante constatar que *lá* e *cá* se encontram menos gramaticalizadas do que *afinal* e *sempre*, apesar do respetivo processo de gramaticalização se ter iniciado bastante precocemente. O facto de estarem menos gramaticalizadas pode comprovar-se se atendermos à sua maior liberdade sintática (posição pré-verbal e pós-verbal), à sua maior restrição contextual, regida por motivos semânticos e à impossibilidade de serem combinadas, ao contrário de *afinal* e *sempre*, conforme demonstra o exemplo (32), podendo o exemplo ser parafraseado por «Tinhas razão, contrariamente ao que eu esperava, vieste».

(32) *Afinal, sempre vieste.*

O estudo detalhado das respetivas funções e da interação entre ambas as partículas, quando combinadas, proporciona ainda potencial para futuros estudos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os quatro lexemas aqui estudados (*afinal, sempre, cá, lá*), quanto ao seu valor modal, têm em comum o facto de modificarem a ilocução. Na sua função modal, todas estabelecem uma relação com o *common ground*, embora *lá* e *cá* estejam mais restritas na sua utilização pela prevalência do traço semântico (+/- distante) do lexema fonte, sejam acentuadas e possam ocorrer quer em posição pré-, quer pós-verbal, mobilidade sintática que comprova que não estão tão gramaticalizadas como *afinal* e *sempre*. *Afinal* e *sempre* já concluíram o processo de *semantic bleaching* em relação aos lexemas fonte, contrariamente a *lá* e *cá*, pelo que as primeiras podem ser consideradas partículas modais, as duas últimas — tal como *bem* — partículas modalizadoras, uma vez que apenas em contextos bastante mais restritos assumem esta função.

Tabela 2. Partículas modais e partículas modalizadoras do português, definidas a partir dos critérios definidores de partículas modais.

	Partículas modais		Partículas modalizadoras	
	<i>sempre</i>	<i>afinal</i>	<i>lá</i>	<i>cá</i>
Posição sintática fixa	+	+	-	-
Classes de palavras invariáveis	+	+	+	+
(Geralmente) não acentuadas	+	+	-	-
Não podem ser coordenadas	+	+	+	+
Não podem ser modificadas (intensificadas, etc.)	+	+	+	+
Escopo alargado em relação ao lexema fonte	+	+	+	+
Dependem do tipo de oração	+	+	+	+
Podem modificar a ilocução	+	+	+	+
Articulam proposição e <i>common ground</i>	+	+	+/-	-
Portadoras de <i>non-at issue meaning</i>	+	+	+	+

Fonte: tabela da autoria dos autores

Deste modo, *afinal* e *sempre* do ponto vista funcional e formal correspondem às partículas modais alemãs, enquanto *lá* e *cá* satisfazem os critérios formais e funcionais com mais restrições do que as partículas modais no alemão, voltando aos nossos «olhares cruzados».

A importância de identificar e descrever as partículas modais numa língua advém, sobretudo, da necessidade de ensiná-las, para permitir aos aprendentes adotá-las de forma adequada nas suas estratégias comunicativas, aspeto que, com a crescente orientação da didática das línguas estrangeiras segundo princípios comunicativos, ganhou substancialmente relevo no ensino e aprendizagem destas. Deste modo, em vez de serem focalizadas frases e a sua correção e elaboração gramatical, as aulas concentram-se na transmissão de bases para fins comunicativos e no desenvolvimento da capacidade dos aprendentes de atuar comunicativamente. O papel da gramática na aprendizagem de línguas estrangeiras neste contexto evoluiu de uma conceção da gramática na qual a forma tinha a primazia para um princípio segundo o qual a gramática tem uma função auxiliadora para fins comunicativos⁷⁰. Ou seja, o objetivo das aulas de língua estrangeira é, segundo esta aceção, transmitir aos aprendentes a capacidade para se adequarem a distintos contextos e situações comunicativos, falando com grande autenticidade e naturalidade na língua estrangeira⁷¹. Segundo este princípio, pelo qual a didática das línguas estrangeiras atual se rege, o mais importante

⁷⁰ Decke-Cornill, Küster, 2015: 177.

⁷¹ Meisnitzer, 2022: 445-446.

é que os aprendentes saibam falar na língua estrangeira aprendida, regendo-se os cursos por conteúdos e aspetos comunicativos, em detrimento da tradicional progressão de item gramatical para item gramatical⁷². Aspetos funcionais como o valor pragmático das PM são valorizados neste modelo. Além disso, a gramática descritiva não pode ser indiferente a esta polifuncionalidade de certos lexemas, independentemente de se justificar ou não uma revisão da gramática prescritiva no sentido de integrar a existência de partículas modais nas diversas línguas românicas. Mas essa decisão cabe às respetivas Academias de Letras.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Werner (2011). *Über Unhintergebarkeiten in der modernen Modalitätsforschung*. In DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena, *coords. Modalität und Evidentialität. Modality and Evidentiality*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, pp. 125-147.
- AMARAL, Patrícia; DEL PRETE, Fabio (2014). *On truth persistence. A comparison between European Portuguese and Italian in relation to sempre*. In CÔTÉ, Marie-Hélène; MATHIEU, Éric, *coords. Variation within and across Romance languages. Selected papers from the 41st Linguistic Symposium on Romance languages*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- AMARAL, Patrícia; DEL PRETE, Fabio (2016). *On truth unpersistence. At the crossroads of epistemic modality and discourse*. «Natural Language & Linguistic Theory». 34:4, 1135-1165.
- BEERBOM, Christiane (1992). *Modalpartikeln als Übersetzungsproblem. Eine kontrastive Studie zum Sprachenpaar Deutsch-Spanisch*. Frankfurt am Main: Lang.
- BLIEBERGER, Erich (2011). *Zur Wiedergabe der Abtönungspartikeln: eine kontrastive Studie zum Sprachenpaar Deutsch-Portugiesisch*. «Revista de Estudos Alemães». 2, 109-128.
- CDP (2006). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>>.
- CONIGLIO, Marco (2011). *Die Syntax der deutschen Modalpartikeln. Ihre Distribution und Lizenzierung in Haupt- und Nebensätzen*. Berlin: Akademie Verlag.
- DECKE-CORNILL, Helene; KÜSTER, Lutz (2015). *Fremdsprachendidaktik. Eine Einführung*. Tübingen: Narr.
- DETGES, Ulrich; WALTEREIT, Richard (2016). *Grammaticalization and Pragmaticalization*. In FISCHER, Susann; GABRIEL, Christoph, *coords. Manual of Grammatical Interfaces in Romance*. Berlin, Boston: de Gruyter, pp. 635-657.
- DÖRING, Sophia; REPP, Sophie (2020). *The modal particles ja and doch and their interaction with discourse structure: Corpus and experimental evidence*. In FEATHERSTON, Sam *et al. coords. Experiments in Focus. Information Structure and Semantic Processing*. Berlin, Boston: de Gruyter, pp. 17-56.
- DÖRRE, Laura *et al.* (2015). *The At-Issue and Non-At-Issue Meaning of Modal Particles and their Counterparts*. [s.l.]: [s.n.].
- EGG, Markus; ZIMMERMANN, Malte (2012). *Stressed out! Accented discourse particles: The case of «doch»*. «Proceedings of Sinn und Bedeutung». 16:1, 225-238.
- FIÉIS, Alexandra (2010). *On the position of sempre in Medieval Portuguese and in Modern European Portuguese*, «The Linguistic Review», 27:1, 75-105.
- FRANCO, António (1988). *Partículas modais da língua portuguesa: relances contrastivos com as partículas alemãs*. «Revista da Faculdade de Letras do Porto Línguas e Literatura». 5, 137-156.

⁷² Reinfried, 2006: 38.

- FRANCO, António (1989). *Modalpartikeln im Portugiesischen — Kontrastive Syntax, Semantik und Pragmatik der portugiesischen Modalpartikeln*. In WEYDT, Harald, coord. *Sprechen mit Partikeln*. Berlin; New York: de Gruyter, pp. 240-255.
- FRANCO, António (1990). *Partículas modais do português*. Porto: FLUP.
- FRANCO, António (1991). *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- GUTZMANN, Daniel (2010). *Betonte Modalpartikeln und Verumfokus*. In HENTSCHEL, Elke; HARDEN, Theo, coords. *40 Jahre Partikelforschung*. Tübingen: Stauffenburg, pp. 119-138.
- KUNOW, Ilonka (2001). *Diskurspartikeln im Portugiesischen: Gesprächsanalytische Studien zur Abtönung und Redeorganisation in informeller und institutioneller Kommunikation*. Freiburg: Breisgau. Tese de doutoramento.
- LEISS, Elisabeth (2009). *Drei Spielarten der Epistemizität, drei Spielarten der Evidentialität und drei Spielarten des Wissens*. In ABRAHAM, Werner; LEISS, Elisabeth, coords. *Modalität. Epistemik und Evidentialität bei Modalverb, Adverb, Modalpartikel und Modus*. Tübingen: Stauffenburg, pp. 3-24.
- LOPES, Ana Cristina Macário (2006). *Antes e sempre*. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 13-22.
- MARQUES, Maria Aldina; DUARTE, Isabel (2014). *Cá e lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE*. In BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita, org. *Anais do 1.º Congresso Internacional de Semiótica e Cultura (SEMICULT)*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, pp. 381-392.
- MARQUES, Maria Aldina; DUARTE, Isabel (2017). *Lá, atenuador em interações informais do Português Europeu*. «Studia Universitatis Babeş-Bolyai, Philologia». 62:4, 17-34.
- MEISNITZER, Benjamin (2012). *Modality in the Romance languages: Modal verbs and modal particles*. In ABRAHAM, Werner; LEISS, Elisabeth, coords. *Modality and theory of mind elements across languages*. Berlin; Boston: de Gruyter Mouton, pp. 335-360.
- MEISNITZER, Benjamin (2020). *port. bem e esp. bien entre fala e língua. Marcador discursivo e partícula modal: Gramaticalização ou pragmatização?* In MEISNITZER, Benjamin; PUSTKA, Elissa, coords. *Zwischen Sprechen und Sprache. Entre língua e fala*. Frankfurt am Main: Lang, pp. 123-143.
- MEISNITZER, Benjamin (2022). *Divergências no domínio dos tempos verbais entre o Português Europeu e o Português Brasileiro como desafio no Ensino do Português como Língua Estrangeira e Não Materna*. In DÖLL, Cornelia; HUNDT, Christine; Reimann, Daniel, coords. *Pluricentrismo e heterogeneidade. O Ensino do Português como Língua de Herança, Língua de Contato e Língua Estrangeira*. Tübingen: Narr, pp. 443-462.
- MEISNITZER, Benjamin; GERARDS, David (2017). *Überlegungen zur Vermittlung von Modalpartikeln im Fremdsprachenunterricht: Drei Beispiele aus dem Spanischen, Französischen und Italienischen*. In BÜRGEL, Christoph; REIMANN, Daniel, coords. *Sprachliche Mittel im Unterricht der romanischen Sprachen. Aussprache, Wortschatz, Morphosyntax in Zeiten der Kompetenzorientierung*. Tübingen: Narr, pp. 329-360.
- MEISNITZER, Benjamin; WOCKER, Bénédicte (2018). *Grammatikalisierung in der neueren französischen Sprachgeschichte: die Entstehung von Modalpartikeln*. In SCHÄFER-PRIESS, Barbara; SCHÖNTAG, Roger, coord. *Seitenblicke auf die französische Sprachgeschichte*. Tübingen: Narr, pp. 51-73.
- REINFRIED, Marcus (2006). *Im Rückspiegel die «großen» Methoden — Le poids de la tradition*. In NIEWELER, Andreas, coord. *Fachdidaktik Französisch: Tradition — Innovation — Praxis*. Stuttgart: Klett, pp. 38-44.
- REPP, Sophia (2013). *Common ground management: Modal particles, illocutionary negation and verum*. In GUTZMANN, Daniel; GÄRTNER, Hans-Martin, coords. *Beyond Expressives. Explorations in Use-conditional Meaning*. Leiden: Brill, pp. 231-274.

- WALTEREIT, Richard (2006). *Abtönung. Zur Pragmatik und historischen Semantik von Modalpartikeln und ihren funktionalen Äquivalenten in romanischen Sprachen*. Berlin; Boston: Max Niemeyer Verlag.
- WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich (2007). *Different functions, different histories: modal particles and discourse markers from a diachronic point of view*. «Catalan journal of linguistics». 6, 61-80.
- WEGENER, Heide (1998). *Zur Grammatikalisierung von Modalpartikeln*. In BARZ, Irmhild; ÖHLSCHLÄGER, Günther, coords. *Zwischen Grammatik und Lexikon*. Berlin; New York: Max Niemeyer Verlag, pp. 37-56.